



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao estado do Maranhão

São Luís-MA, 05 de maio de 2009

Primeiro, eu quero cumprimentar a governadora Roseana Sarney,

Os ministros Alfredo Nascimento, dos Transportes; Edison Lobão – muito conhecido de vocês –, de Minas e Energia; o companheiro Geddel Vieira, da Integração Nacional; o companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades,

O João Alberto, vice-governador do estado do Maranhão,

O senador Edison Lobão Filho,

Os deputados federais Gastão Vieira, Washington Luiz – o Washington vai tomar posse amanhã e já está se achando deputado –, Waldir Maranhão, Costa Ferreira,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar os prefeitos do estado do Maranhão,

Quero cumprimentar os representantes do movimento social aqui presentes e dirigentes sindicais,

O nosso companheiro Pagot, diretor-geral do DNIT,

A imprensa,

Vocês sabem que governar um país do tamanho do Brasil tem contradições. Eu acabo de vir do estado do Piauí, onde também tem uma série de cidades com problema de excesso de água. Sobrevoei aqui agora o estado do Maranhão e eu vi um estado praticamente alagado. Já tinha ido ao estado do Amazonas na semana passada e vi o rio Amazonas enchendo como nunca tinha ficado cheio. Fui ao estado do Acre. O Acre também tinha tido uma enchente enorme há pouco tempo. Estou sabendo que o Rio Grande do Norte está tendo problema de enchente, e ao mesmo tempo nós temos o Rio Grande



do Sul, Santa Catarina e o Paraná com problemas de seca enormes.

Vocês acompanharam pela imprensa, no ano passado, quando o estado de Santa Catarina ficou alagado e mais de 200 pessoas morreram com o desbarrancamento. O estado é pequeno, se a gente for comparar com o Maranhão, e metade do estado estava alagado e metade estava com uma seca enorme. Tinha perto do mar excesso de água e em Chapecó, que é divisa com o Rio Grande do Sul, tinha um problema de seca, prejudicando a agricultura familiar.

Certamente, todos nós nos rendemos às coisas da natureza. Nós temos visto, mundo afora, que têm acontecido coisas que até pouco tempo a gente imaginava que não iam acontecer mais. Enchentes onde a gente não imaginava que fosse ter enchentes, seca onde a gente imaginava que nunca ia ter seca, terremotos onde há séculos não tinha terremoto, e nós estamos percebendo que há uma certa manifestação de descontentamento de alguém superior a nós, e do próprio planeta Terra, possivelmente com o jeito que nós o estamos tratando.

Esta nossa vinda aqui ao estado do Maranhão, e a visita que nós fizemos a algumas cidades - eu particularmente, gostaria de ter parado em todas elas, não foi possível porque senão não poderíamos visitar mais e também não foi possível porque a gente estava com o helicóptero e não tinha muitas condições de ficar muito tempo visitando outras cidades.

Também é importante que vocês saibam o que se pode fazer em um momento como este. Algumas coisas são vitais e são prioritárias. Nós temos que trabalhar com muito afinco para tentar tirar todas as pessoas do isolamento, pessoas que estão em área de risco, pessoas que estão isoladas, e tentar dar um atendimento a elas. Aquelas que for possível transferir para um local em que possam ser tratadas, têm que ser transferidas. Aquelas que estiverem mais isoladas, nós vamos ter que fazer com que alguns benefícios cheguem lá. Que benefícios? Nós temos que tratar do alimento, nós temos que



tratar da saúde, num primeiro momento, para que essas pessoas possam, esperando a seca, a chuva passar... A gente passar a fazer os consertos que tem que se fazer no estado do Maranhão.

Muitas vezes as pessoas ficam apressadas, nervosas, achando que no rio que está alagado a gente pode fazer a ponte, com o rio alagado. É humanamente impossível e seria jogar dinheiro fora. Nós agora vamos esperar a água baixar. A Governadora, junto com a Defesa Civil do estado, junto com as autoridades e prefeitos deste estado, vai fazer um levantamento fiel dos prejuízos causados pelas enchentes, fazer o levantamento daquilo que é necessário de investimentos para que a gente possa recuperar, e isso vai para Brasília. Espero que a Roseana vá a Brasília com o projeto todo elaborado para sentar junto com os mais diferentes ministros, para que a gente possa então começar o processo de liberação de recursos, para que a gente possa fazer as coisas acontecerem.

E não adianta agora a gente imaginar que é possível consertar as coisas estragadas enquanto estiver tudo alagado. Nem as casas que nós temos que fazer... Nós temos que esperar a água baixar para fazer uma contabilidade de todas as casas, até porque, Roseana, eu não sei se você sabe, no programa Minha Casa, Minha Vida, estão reservadas para o estado do Maranhão praticamente 77.270 novas casas. A nossa previsão era fazer até 2010. Nós vamos querer saber se o empresariado, se o governo estadual, se os municipais e o governo federal têm condições de fazer 1 milhão de casas em dois anos. Não será uma tarefa fácil, mas nós vamos tentar fazer porque temos os recursos disponibilizados para isso.

O Ministro dos Transportes já fez um levantamento com a equipe que veio na frente, da situação das estradas federais, que são aquelas que nós poderemos consertar, e assim que terminar, que a água baixar, nós vamos consertar as estradas que precisam ser consertadas e as pontes que precisam ser consertadas.



O governo federal, através do Ministério dos Transportes, não pode passar dinheiro para consertar as estradas estaduais, mas é importante que a Roseana coloque isso no projeto para que a gente possa trabalhar dinheiro do orçamento da União, tirar um pouco do Ministério das Cidades, ou sei lá de quem quer que seja, mas nós vamos ter que fazer alguma coisa para resolver esse problema.

Eu disse à governadora Roseana que vamos mandar para cá o ministro da Agricultura, o ministro do Desenvolvimento Agrário, para que a gente faça o levantamento do prejuízo dos produtores aqui no estado, sobretudo aqueles que foram vítimas, e normalmente os pequenos sofrem mais porque são vítimas em primeiro lugar. Virá aqui o MDA, o ministro da Agricultura, para fazer o levantamento da situação. Disse à Governadora que o ministro da Saúde também virá aqui, porque já que estamos há 30 dias debaixo de chuva no estado no Maranhão, é preciso que a gente tome todo o cuidado do mundo para evitar que doenças venham a proliferar no estado do Maranhão, atingindo também as pessoas mais isoladas, as pessoas que foram mais atingidas pela chuva. Posso dizer para vocês que tudo aquilo que for necessário fazer nós vamos fazer com a maior rapidez, como fizemos no estado de Santa Catarina.

Eu queria alertar os companheiros e as companheiras, prefeitos e prefeitas – e a Roseana sabe disso porque já foi governadora, já foi líder do governo no Congresso Nacional – é que tem um certo ritual para fazer as coisas, de cumprimento de leis, que nem o presidente da República e nem o prefeito podem transgredir, porque senão a gente não pode utilizar o recurso. Tem uma série de quesitos que a gente tem que apresentar para poder liberar o dinheiro. Se não tiver os quesitos, não adianta, porque nós não temos como liberar o dinheiro, ora porque estaríamos descumprindo a lei, ora porque o Tribunal de Contas vai dizer que não pode, e ora porque quando fizermos equivocadamente, o Ministério Público vai acionar quem fez a coisa equivocada.



Então, nós precisamos, em todas as áreas em que for necessário, cumprir um certo ritual para que a gente possa liberar os recursos. Quando a coisa é bem-feita, o dinheiro sai mais fácil. Às vezes, a coisa é difícil e é preciso que a Governadora... Certamente, com a experiência que tem, vai assumir a coordenação junto aos prefeitos e ajudar a preparar, não apenas um levantamento da real necessidade e dos prejuízos que tiver a cidade, mas também aprontar a papelada corretamente para que, indo a Brasília, a gente possa... tem que mandar fazer uma medida provisória para que o Congresso libere o dinheiro. Afinal de contas, todos nós lidamos com dinheiro que não é nosso, é dinheiro público.

Agora, eu posso dizer aos prefeitos e dizer à Governadora que não faltará, da parte do governo federal, recursos para que a gente possa devolver ao estado do Maranhão as condições de voltar a conviver na normalidade. Eu sei que um problema desses traz muitos transtornos, traz muito sofrimento, traz prejuízo - aqui tem uma família que eu vou receber daqui a pouco, que são parentes de pessoas que morreram no desbarrancamento que teve aqui em São Luís. Nós já vivemos isso em outros momentos, quando tem uma enchente dessas, e a gente não pode nem reclamar muito, nem xingar muito, porque essas coisas da natureza, quando elas vêm, elas não pedem licença, não avisam antes, ou seja, elas vêm porque tem que vir e nós temos apenas que ser corajosos, ser otimistas, que a gente pode vencer mais esse obstáculo.

A minha vinda aqui... eu gostaria de ter parado em alguma cidade, ter podido conversar com o povo, como eu fiz lá em Teresina. Lamentavelmente, um dia é muito pouco para isso, mas os ministros continuarão vindo aqui. Nós só pararemos de vir aqui quando estiver tudo acertado, as coisas que nós temos que fazer.

Só para terminar, eu queria pedir aos prefeitos e, sobretudo, à Defesa Civil: tem um levantamento preliminar feito pela Governadora. Ela só vai saber do estado real quando a chuva parar, a água descer, aí é que a gente vai fazer



o levantamento correto do que foi o prejuízo dos agricultores, do agronegócio, dos prefeitos, das salas de aula nas escolas, das coisas que as pessoas perderam dentro de casa, para a gente poder, então, a partir daí, começar a recuperar esse processo.

Eu penso que nós temos que ter em conta que se trabalharmos juntos – governo federal, governo estadual e os governos municipais – a chance de nós fazermos a recuperação mais rápida é muito maior.

Então, eu quero, neste momento, que a gente tenha um único compromisso, uma única dedicação. As divergências políticas, deixem-nas colocadas em um canto da mesa, as eleições só vão acontecer em 2010, para prefeito só vão acontecer em 2012. A gente tem que deixar, neste momento, qualquer rusga que a gente tiver com o outro de lado e pensar na coisa mais nobre deste momento, que é devolver a normalidade ao povo do estado do Maranhão e, sobretudo, devolver o direito às coisas que as pessoas perderam. Algumas pessoas que perderam, podem comprar amanhã. Outras que perderam, possivelmente tenham que trabalhar outra vez a vida inteira para conseguir adquirir esse bem. Então, a dedicação é essa, neste momento.

Nós vivemos um ano que não é um ano extraordinário, porque nós temos uma crise internacional. Essa crise criou problemas em todo o mundo e também no Brasil. As receitas estão caindo. Nós já resolvemos parte dos problemas dos prefeitos garantindo o FPM do ano passado, que foi o maior da história do FPM no Brasil. Mas eu posso dizer para vocês: mesmo com o governo federal arrecadando menos, não faltará dinheiro para a gente recuperar o estado do Maranhão, o estado do Piauí, o estado do Rio Grande do Norte, e outros estados que tiverem problemas com a chuva, certo?

No mais, meus agradecimentos. Eu não sei se depois nós vamos ter uma reunião específica. Não sei o que vai acontecer agora, porque o mestre de cerimônias faltou ao trabalho, né? Mas, de qualquer forma, hein? De qualquer forma, eu queria apenas dizer para vocês: preparem as coisas com o maior



carinho.

Eu vou dizer uma frase para vocês, [para] que vocês guardem: se o governo estadual e o governo federal tiverem muito dinheiro e não aparecerem projetos consistentes, esse dinheiro não vale nada. Agora, mesmo que a gente não tenha dinheiro, se aparecer um projeto consistente, eu duvido que alguém se recuse a dar dinheiro para um projeto que seja consistente. É o projeto que faz o dinheiro e não o dinheiro que faz o projeto.

Portanto, companheiros prefeitos e prefeitas, preparem direitinho as coisas para que a gente comece pedindo a Deus que uma parte dessas nuvens negras que estão aí se dirijam para o Rio Grande do Sul, para Santa Catarina e para o Paraná, onde nós estamos precisando de um pouco de chuva. Que pare de chover aqui e que vá correndo para lá, para que a gente possa começar a consertar os estragos feitos aqui, e para que os gaúchos, os catarinenses e os paranaenses possam produzir tranquilamente, porque estão precisando de água.

No mais, um abraço.

(\$211A)